

O UNHEIMLICH NAS FORMAÇÕES DO INCONSCIENTE E NO SURREALISMO

THE UNHEIMLICH IN THE FORMATIONS OF THE UNCONSCIOUS AND IN SURREALISM

DOI [10.5281/zenodo.7945366](https://doi.org/10.5281/zenodo.7945366)

Thais Barros de Andrade¹
Rosilene Caramalac²

RESUMO

As formações do inconsciente emergem como algo que diz respeito à um estranho para o sujeito, manifestações que aparentam, à primeira vista, serem apenas situações errôneas ou indesejadas. É dessa mesma maneira que também compreendemos o surrealismo, um movimento que surge da estranheza, na medida que também a causa. Com isso, não ao acaso, vê-se na história do surrealismo o seu inevitável encontro com a psicanálise no início do século XX, sobretudo pela influência do conceito de inconsciente, elucidado por Freud, na realização das bases e princípios do movimento. Portanto, no que concerne o estranho, o *unheimlich* freudiano proposto em 1919, defendemos que é por meio dele que se elabora o encontro entre o surrealismo e as manifestações do inconsciente, sendo a proposta da discussão central deste trabalho.

Palavras-chave: Psicanálise; Surrealismo; formações do inconsciente; estranho.

ABSTRACT

The formations of the unconscious emerge as something that concerns a stranger to the subject, manifestations that appear, at first glance, to be just erroneous or unwanted situations. It is in this same way that we also understand surrealism, a movement that arises from strangeness, inasmuch as it also causes it. With this, not by chance, in the history of surrealism its inevitable encounter with psychoanalysis at the beginning of the 20th century is seen, above all due to the influence of the concept of the unconscious, elucidated by Freud, in the realization of the bases and principles of the movement. Therefore, as far as the stranger is concerned, the Freudian *unheimlich* proposed in 1919, we defend that it is through him that the encounter between surrealism and the manifestations of the unconscious is elaborated, being the proposal of the central discussion of this work.

Keywords: Psychoanalysis; Surrealism; formations of the unconscious; uncanny.

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), sendo bolsista pela CAPES. E-mail: thaisbarros.andrade@gmail.com.

² Psicanalista. Professora Associada da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: rocaramalac@uol.com.br.

1 INTRODUÇÃO

“A verdade pega o erro pelo cangote, na equivocação”

(Jacques Lacan)

Na psicanálise, pensar o sujeito é compreender que este se trata do sujeito do inconsciente, sendo aquele que produz chistes, atos falhos, sintomas e sonhos, manifestações estas que Lacan estudará amplamente em Freud, chamando-as de formações do inconsciente no homônimo *Seminário V: As formações do inconsciente* (1999). Dessa forma, é possível entender o que Freud incita com sua premissa de que o “eu” não é senhor em sua morada, levando-nos a compreender os lapsos que emergem do sujeito e pelos quais escapam elementos que produzem estranhamento.

No movimento surrealista, o aspecto subversivo também se faz presente, tanto no processo de produção das expressões artísticas quanto no impacto que elas trazem em suas formas. É este impacto que, por sua vez, nos faz deparar novamente com o estranho, com o avesso ao que se pressupõe como lógico.

A discussão que se apresenta, portanto, é a do ponto de encontro entre as formações do inconsciente e o surrealismo, ou seja, o *unheimlich*, explicado por Freud no texto “O Estranho” de 1919. Para estabelecer essa relação foi feita uma revisão bibliográfica, abarcando leituras acerca da história do movimento surrealista e do conceito de inconsciente e suas formações, as quais também permitiram localizar que, no surgimento do surrealismo, a influência da psicanálise no início do século XX foi imprescindível.

2 O SURREALISMO E A SUPREMACIA DO INCONSCIENTE

O surrealismo, como movimento, teve suas bases fundamentadas pelo escritor André Breton a partir de 1924, por meio do Manifesto do Surrealismo, num contexto histórico de pós-guerra. O movimento surgia com uma proposta que permeava a criação artística a partir do ilógico, trazendo à tona elementos derivados de sonhos e devaneios, sobre os quais procurava-se não estabelecer censuras.

Portanto, o surrealismo se desenvolveu em meio à várias influências, entre elas a da psicanálise, na qual Breton se depara pela primeira vez com a descrição do inconsciente colocado por Freud em *A Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901). O precursor do movimento surrealista teria encontrado neste primeiro contato com os escritos de Freud uma possibilidade de perceber a

arte como expressão do desejo recalcado, fosse pela forma assumida pelo desejo ou pelo modo que o mesmo simbolizava as aparências nos atos falhos, lapsos e sonhos.

Por isso, “os surrealistas encontraram em Freud as marcas de ruptura e descontinuidade com a forma clássica de concepção da criação artística e da crítica de arte” (MARIGUELA, 2007, p. 86). Contudo, se faz importante compreender que, a leitura da psicanálise pelos surrealistas, como explica Mariguela (2007, p. 91), não se tratava de um olhar teórico sobre os pressupostos epistemológicos da construção freudiana, mas sim uma apropriação por parte do movimento, visando o uso desse entendimento para causas revolucionárias contra toda forma de aprisionamento.

Apesar de Freud ter emitido poucas impressões sobre o movimento, Lacan, por outro lado, apontou que o surrealismo “encontra lugar numa série de emergências cujo selo comum imprime em nossa época sua marca: a de uma revelação das relações do homem com a ordem simbólica” (LACAN, 2003, p. 166), atenuando o fato de que o movimento surrealista foi, por meio de suas invenções, a instauração daquilo que nos parece sombrio e do estranho. Por isso, Lacan (2003) coloca que, em meio ao emaranhado de “símbolos confusos e fantasias despedaçadoras, o surrealismo aparece como um tornado à beira da depressão atmosférica em que sobram as normas do individualismo humanista” (LACAN, 2003, p. 166).

Em síntese, entende-se que o movimento prevê a destruição de diversos âmbitos que impedem o sujeito de viver de acordo com seu desejo, como a religião, a moral e a família. No entanto, como nos explica Nadeau (1985), mesmo os surrealistas não possuindo doutrina, possuem “alguns valores que brandem como bandeiras: a onipotência do inconsciente e de suas manifestações” (NADEAU, 1985, p. 63).

3 O INCONSCIENTE E SUAS MANIFESTAÇÕES

Tendo em vista o contexto no qual o surrealismo se desenvolve, traz-se aqui o afunilamento teórico do que, de fato, vinha a influenciar a insurgência do movimento quando falamos de sua busca na teoria psicanalítica.

A Psicanálise tem como marco de sua aparição, enquanto teoria, a obra de Sigmund Freud *A interpretação dos sonhos*, em 1900, apesar dos estudos do autor terem se iniciado já no final do século XIX. Ela surge subvertendo a lógica cartesiana e estabelecendo que o sujeito do pensamento não é senhor em sua morada, e elucida a existência de um aparelho psíquico que, muitas vezes, se mostra mais forte do que a consciência e sua razão.

Portanto, é imprescindível entender que a análise primeira das manifestações oníricas foi o que permitiu Freud pressupor um sistema inconsciente que se guia por uma lógica de outra ordem e não pela qual estamos socialmente familiarizados. Quanto a isso, Freud (1900) explica que o inconsciente é, de fato, a verdadeira realidade psíquica, sendo, dessa forma, igualmente desconhecido como a realidade do mundo externo.

Como meio para buscar seguir essa lógica própria do inconsciente, a teoria psicanalítica estabelece como método analítico o recurso da linguagem, a associação livre. É importante ressaltar que o que se denomina como “livre” não diz respeito a uma arbitrariedade da fala, mas sim do desprendimento da normatização lógica realizada pela consciência. Tal desprendimento permite, por sua vez, a aparição de lapsos que, segundo Garcia-Roza (2009), são pelos quais se deve procurar o caminho do inconsciente.

Este caminho se revela, portanto, por meio de lacunas (os sonhos, os atos falhos, os chistes e os sintomas) que se designam por aquilo que Lacan, a partir de Freud, chamou de “formações do inconsciente” no *Seminário V* (1999).

Ainda em sua explicação, Garcia-Roza (2009) suscita que entre essas lacunas existe uma descontinuidade refletida no discurso do sujeito, sendo este “atropelado por um outro sujeito que ele desconhece, mas que se impõe a sua fala produzindo trocas de nomes e esquecimentos cujo sentido lhe escapa” (GARCIA-ROZA, 2009, p. 171).

Dessa forma, não é possível que de um sujeito saia uma mensagem ou palavra qualquer, à revelia, uma vez que essa fala está sempre carregada de uma complexidade, haja vista que ela presume a existência de uma cadeia significante, como Lacan evoca (1999). Portanto, ele elabora que a gênese dessa cadeia pressupõe que não importa o que se diga, pense ou formule, uma vez que entramos na roda do moinho de palavras, o discurso diz mais do que aquilo que de fato está sendo dito.

Por isso, ainda segundo Lacan (1999), “no decorrer de um discurso intencional em que o sujeito se apresenta como querendo dizer alguma coisa, produz-se algo que ultrapassa seu querer, que se manifesta como um acidente, um paradoxo, ou até um escândalo” (LACAN, 1999, p. 54). Ou seja, produz-se um lapso que permite a passagem da verdade do inconsciente que é registrado e valorizado na categoria de fenômeno significativo de engendramento de um sentido, tendo em vista as condições em que ele emerge. Assim, “na vida, pode-se ver a verdade pegar o erro por trás. Na análise, a verdade surge pelo que é o representante mais manifesto da equivocação – o lapso, a ação a que se chama impropriamente *falhada*” (LACAN, 1979, p. 302).

Mediante à compreensão das lacunas produzidas pelas formações do inconsciente, nota-se que estas se tratam de algo que é introduzido nas relações humanas, como um impasse que

repousa na premissa de que nenhum desejo pode vir a ser aceito ou admitido pelo Outro, “a não ser através de toda sorte de intermediários que o refratem, que façam do desejo um objeto de troca, algo diferente do que é, e que, em suma, submetam desde a origem o processo da demanda a necessidade da recusa” (LACAN, 1999, p. 72). É dessa maneira que se vê a aparição das manifestações lacunares, os lapsos, por assim dizer, a partir da recusa daquilo que se mostra inaceitável ao parâmetro da consciência. Portanto, “nossos atos falhados são atos que são bem-sucedidos, nossas palavras que tropeçam são palavras que confessam. Eles, elas, revelam uma verdade de detrás” (LACAN, 1979, p. 302).

O movimento surrealista traz algo que permeia pela mesma essência, apontando por meio da expressão artística que, aquilo que se vê distorcido causando horror e aversão, habita, na verdade, no próprio sujeito que lê ou contempla. Em síntese, o artigo aqui em questão possui o intuito de construir uma relação entre o que causa estranheza na expressão do surrealismo e o que causa estranheza em relação aos chistes, sonhos, sintomas e atos falhos, ou seja, partindo daqueles elementos que suscitam um incômodo no âmbito da razão lógica do sujeito. Busquemos então analisar a ideia do estranho a partir da psicanálise e como tal perspectiva também permeia o surrealismo.

4 O ESTRANHO QUE EMERGE DAS LACUNAS E DO SURREALISMO

Como ponto de partida deste tópico, faz-se importante entender primeiramente que, para que seja possível chegarmos na relação estabelecida com o surrealismo e seus aspectos subversivos, é necessário que antes façamos uma síntese da compreensão sobre o que, de fato, o estranho significa dentro da construção da psicanálise.

Com isso, vemos que o estranho, na teoria psicanalítica, tem sua origem no termo *unheimlich*, definido no texto “O Estranho”, de 1919, escrito por Freud. Nele o autor explica que se trata de uma palavra alemã, sendo ela, por conseguinte, “o oposto de ‘*heimlich*’ [‘doméstica’], ‘*heimisch*’ [‘nativo’] - o oposto do que é familiar; e somos tentados a concluir que aquilo que é ‘estranho’ é assustador, precisamente, porque *não* é conhecido e familiar” (FREUD, 1919, p. 139). Realizando uma ressalva à esta tendência de definição de ‘estranho’ como assustador, Freud (1919, p. 143) propõe que *heimlich* pode ser designada por um significado que se coloca, na verdade, em ambiguidade, coincidindo com *unheimlich*, sendo este último o seu contrário e, também, sua “subespécie”.

Porém, é importante fazer-se compreender que o estranho do qual falamos, este que advém do termo *unheimlich*, como trouxe Freud (1919), se trata de algo que é permeado pelo amedrontador, mas que, por outro lado, se faz assustador justamente por remeter ao que é familiar ou conhecido. Por isso, Freud (1919) escreve que, em alguns momentos, mesmo aquilo que aparenta ser familiar pode se tornar repulsivo.

Kaufmann (1996), nos traz a explicação de que Freud encontra o efeito de estranheza no retorno do que fora recalcado, assim como no retorno de concepções que aparentavam estar superadas. Ou seja,

os desejos afastados e os pensamentos renegados ou rejeitados são projetados sob forma de forças estranhas ao sujeito, ao mesmo tempo em que a persistência de certas crenças atesta a divisão, a clivagem do eu. Mas observa-se também que o fenômeno em questão ocorre quando a fronteira entre a realidade e ficção está como que apagada. É o que se passa cada vez que um elemento considerado verdadeiro se revela imaginário, e sempre que um objeto de fantasia é encontrado no real, ainda que isso pareça inacreditável. (KAUFMANN, 1996, p. 174).

Destarte, ainda de acordo com o autor, “o afeto que atingiu o eu permanece como antes, inalterado e não-atenuado, com a única diferença de que a representação incompatível é mantida submersa e excluída da lembrança” (KAUFMANN, 1996, p. 179).

No que tangencia a questão do *eu*, Garcia-Roza (2009) afirma que Lacan o desloca de sua centralidade e, quando ele o faz, por consequência, também realiza essa retirada do eu da razão, ou seja, de sua posição cartesiana. Neste ponto, podemos chegar no momento da subversão da premissa de Descartes por Lacan (1957/1998), colocando que “penso onde não sou” e, portanto, “sou onde não penso”.

Pode-se dizer que, a inversão lacaniana remete à percepção de que a teoria psicanalítica é a terceira ferida narcísica para o sujeito, como colocara Freud (1917), e sobre a qual elabora o que anteriormente foi enunciado aqui, que o homem já não é mais “senhor em sua morada”. Dessa maneira, traz-se o que Garcia-Roza propõe acerca do sujeito que, acreditando-se ser até então absoluto é, na verdade, “atropelado por um outro sujeito que ele desconhece e que lhe impõe uma fala que é vivida pelo sujeito consciente como estranha, lacunar e sem sentido” (GARCIA-ROZA, 2009, p. 210).

Assim, no que tange a relação com a aparição daquilo que estaria oculto, vê-se a possibilidade de análise das formações do inconsciente. São elas que, de algumas maneiras, apontam a verdade do inconsciente que a censura não conseguiu recobrir por completo. São nessas aparições que se pode ver o surgimento também do estranho.

Dessa forma, o desconhecido, pelo qual as manifestações do inconsciente são permeadas, se alinha ao *unheimlich*. Ou seja, é o conceito freudiano que, de acordo com Quinet (2009), pode ser “estranhamente inquietante” e também um gerador de angústia. É algo “que deveria ficar atrás da porta e que, de repente, manifesta sua presença” (QUINET, 2009, p. 9), por meio dos chistes, sonhos, sintomas e atos falhos, tudo aquilo que escapa à censura da consciência.

Quinet (2009) também explica que seria o *unheimlich* de Freud (1919) o que Lacan descrevera como objeto *a*, um outro “radical ao sujeito”. Portanto, “é esse elemento absolutamente heterogêneo, objeto causa de desejo, objeto enigmático, que está fora da linguagem” (QUINET, 2009, p. 10).

No tocante à questão da aparição daquilo que deveria se manter escuso, – ou seja, quanto ao retorno do recalcado – vê-se a leitura freudiana de Politzer, explicada por Mariguela (2007), sobre o qual aponta que, o que retorna, é marcado por um vazio. O autor explica que este vazio – ao qual se retorna – é o mesmo que o esquecimento e a censura evitou, desviou ou mascarou, encobrendo para depois redescobrir como uma lacuna, dando continuidade ao “perpétuo jogo que caracteriza esses retornos a instauração discursiva” (MARIGUELA, 2007, p. 31-32).

Há então, pela falta, o retorno do que antes estava velado e a sua volta se revela distorcida pela atuação incessante da censura. Essa distorção nos faz, portanto, ir de encontro com as formações do inconsciente, que surgem em situações marcadas pelo inusitado, espantoso e, sobretudo, estranho.

Freud (1919) escreve que o estranho é algo que não se sabe como elucidar ou tratar, e isso porque, a essência de sua origem – desse sentimento de estranheza – estaria no fato de haver uma incerteza intelectual. O autor explica que “quanto mais orientada a pessoa está no seu ambiente, menos prontamente terá a impressão de algo estranho em relação aos objetos e eventos [...]” (FREUD, 1919, p. 139).

Pensando-o enquanto um movimento que defendia a supressão do racional, o sentimento de estranheza no movimento surrealista, por sua vez, é presente em suas bases desde o início, sobretudo, com o Manifesto do Surrealismo (1924) de Breton, no qual faz transparecer uma crítica ao pensamento lógico, defendendo a supremacia do inconsciente.

Com isso, traz-se a perspectiva de Rivera (2005), que propõe uma ideia de inconstância, quando escreve que, provavelmente, “o *des-encontro* entre arte e psicanálise se faça privilegiadamente nesse lugar do estranho e da feminilidade, nesse que não é, portanto, um lugar, mas uma oscilação constante” (RIVERA, 2005, p. 67). Compreendemos essa questão olhando para o surrealismo como um lugar de constante mudança e ressignificação, no qual não é orientada por uma lógica racional ou padronizada, e sim pela lógica do inconsciente.

Tal lógica, que o surrealismo procurou acompanhar em sua expressão, desperta, por assim dizer, uma estranha e inquietante sensação, de acordo com Begeli e Dionisio (2018), de fato pelo “caráter traiçoeiro” que a obra contém. Isso porque, segundo os autores, “uma pintura não seria a coisa em si, mas somente sua representação ilusionista. Eis aí uma importante potencialidade da arte: a capacidade de provocar a libertação dos sentidos fixos e aparentes da realidade” (BIGELI; DIONISIO, 2018, p. 33).

Nesse sentido, compreende-se o que Sousa (2007) escreve sobre sua hipótese do estranho ser uma das possibilidades de se apreender da obra de arte o seu aspecto crítico, ou seja, um aspecto que remete – não coincidentemente – ao elemento recalcado. O olhar surrealista é inscrito, portanto, no sentido de algo permeado pelo que não se pode ou consegue explicar, alcançando, dessa forma “aquilo que foi recalcado pela sociedade, mas que pela via estética, tem a possibilidade de vir à luz” (SOUSA, 2007, p. 22).

O lugar do estranho manifestado nas obras, nas escritas e em outras produções feitas pelos surrealistas, se relaciona com o estranho que permeia as expressões dos sintomas, chistes, sonhos e atos falhos. Ambos indicam um elemento recalcado que deveria ter permanecido suprimido, mas se colocou em evidência, mesmo que de modo distorcido. Ou seja, a manifestações surrealistas e as lacunares do inconsciente se pautam no que havia de mais obscuro e foi trazido à luz. Esse estranho obscuro, por sua vez, tem algo de familiar, sabendo-se que a estranheza causada no sujeito – perante o retorno do recalcado – suscita também um sentimento que não faz parte de seu repertório simbólico.

Há ainda um ponto provocativo para encerrar o presente texto. A perspectiva, seja da psicanálise seja do surrealismo, tem se mostrado – em tempos difíceis, com a ascensão da extrema direita em diversos pontos do continente – como uma ameaça, e tem sofrido inúmeros ataques conservadores de uma política fascista.

Slavoj Zizek, no texto, “As implicações políticas da arte não representativa” (tradução nossa)³, analisa uma postura que tem ganhado força, seja entre alguns teóricos, seja entre os populistas de direita. Ele explica que, na Eslovênia⁴, a direita está “elevando a música folclórica nacional ao símbolo de ser um verdadeiro esloveno, e estão atacando seus críticos como traidores da nacionalidade eslovena” (ZIZEK, 2022, np, tradução nossa)⁵. Dessa forma, Zizek chama a

³ “The political implications of non-representative art” (ZIZEK, 2022, np).

⁴ Zizek fala de seu país, a Eslovênia, mas faz-se aqui uma aproximação de sua realidade à nossa vivência atual no Brasil.

⁵ “Such a stance is not just gaining traction among some theoreticians, but it is also spreading among Rightist populists. In Slovenia, the Rightists are elevating national folk music into the emblem of being a true Slovene, and are attacking its critics as traitors to Slovene nationhood[...]” (ZIZEK, 2022, np).

atenção para o fato de que a direita – mesmo sem saber que o fazem – sustentam uma postura que traz uma observação valiosa:

a arte moderna reproduz o horror, ansiedade e dissonâncias, que caracterizam nosso ser social. A pergunta que devemos fazer aqui é: então, por que reproduzir ansiedade e horror na arte é subversivo, não apenas imitar e, assim, sustentar a vida social alienada existente? A resposta é simples: apenas trazer à tona ansiedades e dissonâncias é em si um ato de libertação, que nos permite recuperar uma distância em relação à ordem existente (ZIZEK, 2022, np, tradução nossa)⁶

Sendo assim, nem o surrealismo, nem a psicanálise trazem uma experiência de harmonia e uma experiência de beleza, mas podem – cada uma a sua maneira – ser um meio de verdade, uma verdade faltosa, falhada e repleta de incertezas. Em um sentido geral, pode-se compreender, então, o que Rivera (2005) aponta, sobre não haver encontros marcados entre a psicanálise e a arte, mas que, no entanto, ambas sempre acabam por se encontrar de modo imprevisível, “talvez em um corpo que não tem lugar, sem as norteadoras esperanças do surrealismo nem as certezas da aplicação interpretativa da psicanálise a obras de arte” (RIVERA, 2005, p. 67).

Uma conclusão que este artigo suscita é, portanto, de que a arte e a teoria psicanalítica se estabelecem em uma relação de influência mútua, em diversas formas ao longo da história de ambas. Voltando-se especificamente ao surrealismo e a questão do estranho para a psicanálise, vê-se nessa relação um contexto em que a teoria do inconsciente faz emergir significativas reformulações da forma de pensar o sujeito e a atualidade. O surrealismo, por sua vez, também se conclama como um novo caminho, e não apenas na maneira de elaborar a produção artística, mas, também, o sujeito diante de sua realidade.

REFERÊNCIAS

BIGELI, A. R. F.; DIONÍSIO, G. H. O estranhamento do banal: a poética magritteana sob um olhar psicanalítico. **Est. Inter. Psicol.** vol.9, n.1, p. 26-44, 2018.

FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos (II)** (1900-1901). V. V. Rio de Janeiro: Imago, 1996 PDF. Disponível em: <

⁶ “[...] modern art reproduces horror, anxiety and dissonances, which characterize our social being. The question we should ask here is: so why is reproducing anxiety and horror in art subversive, nor merely imitating and thereby sustaining the existing alienated social life? The answer is simple: just bringing up anxieties and dissonances is in itself an act of liberation, which enables us to regain a distance towards the existing order” (ZIZEK, 2022, np).

<https://documentcloud.adobe.com/link/track?uri=urn%3Aaaid%3Aascds%3AUS%3Af479b680-1a5e-4f27-87fd-1e8b5c976ec4> > Acesso em 14 de jun. de 2020.

FREUD, S. Uma dificuldade no caminho da Psicanálise (1917). In: FREUD, S. **Uma Neurose Infantil e outros trabalhos (1917-1918)**. V. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 84-90. PDF. Disponível em: < <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-17-1917-1918.pdf> >. Acesso em 14 de jun. 2020.

FREUD, S. O Estranho (1919). In: FREUD, S. **Uma Neurose Infantil e outros trabalhos (1917-1918)**. V. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 137-162. PDF. Disponível em: < <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-17-1917-1918.pdf> >. Acesso em 14 de jun. de 2020.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

LACAN, J. Discurso de Roma (1953). In: _____. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

LACAN, J. **O Seminário: Livro 5: as Formações do Inconsciente (1957-1958)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

LACAN, J. **O Seminário: Livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979.

MARIGUELA, M. **Psicanálise e Surrealismo: Lacan, o passador de Politzer**. Piracicaba: Jacintha Ed., 2007.

NADEAU, M. **História do Surrealismo**. Tradução Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1985.

QUINET, A. **A estranheza da psicanálise: a Escola de Lacan e seus analistas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

RIVERA, T. **Arte e psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SOUSA, F. E. O estranho na obra de arte. **Diálogos: Boletim do Ágora Instituto Lacaniano**, (02), p. 20-23, 2007. Disponível em: < [http://agorainsti.dominiotemporario.com/doc/boletim_2_ano_2007\[1\].pdf#page=20](http://agorainsti.dominiotemporario.com/doc/boletim_2_ano_2007[1].pdf#page=20) >. Acesso em 14 jun. 2020.

ZIZEK, S. The political implications of non-representative art. **The Philosophical Salon**, 16 maio de 2022. Disponível em: < <https://thephilosophicalsalon.com/the-political-implications-of-non-representative-art/> >. Acesso em 27 jun. 2022.

*Submetido em 30/06/2022
Aceito em 16/08/2022*